

A ORGANIZAÇÃO DE CATÁLOGOS DIGITAIS E O PROJETO MEMÓRIAS DE VIOLÊNCIAS E RESISTÊNCIAS: LEITURAS DECOLONIAIS

Eliana Correia Brandão Gonçalves (UFBA)
Rebeca de Jesus Bomfim (UFBA; PERMANECER-UFBA)

Palavras-chave: Filologia, Catálogos digitais, Violência, Resistência, Leituras Decoloniais

Resumo:

Este trabalho tem por objetivo apresentar parte dos resultados obtidos no âmbito das pesquisas desenvolvidas pelo GEFILL – Grupo de Estudos Filológicos e Lexicais – UFBA, na seleção, transcrição e edição de documentos históricos dos séculos XVIII e XIX, com vistas à composição de catálogos digitais temáticos e cronológicos relativos às narrativas de violências e resistência, contra as mulheres, contra a população negra e contra a população indígena. Esses textos de várias espécies documentais fazem parte do conjunto de documentos históricos do Arquivo Histórico Ultramarino, catalogados pelo Projeto Resgate em 2019, e disponibilizados na base de dados digitais da Biblioteca Nacional, além de documentos do próprio acervo digital da Biblioteca Nacional, do Arquivo Público do Estado da Bahia e do Arquivo Público Municipal de Salvador. Nessa articulação entre campo filológico e campo computacional e com base no referencial teórico de Banza; Gonçalves (2014), Monte; Paixão de Sousa (2017) e Paixão de Souza (2013, 2014), os catálogos digitais com os documentos mapeados, transcritos e editados pelo GEFILL representam importantes fontes para o estudo histórico-diacrônico do português, possibilitando também leituras decoloniais das narrativas históricas baianas e brasileiras, nos contextos de (re)existências de gênero e étnico-raciais. A Filologia é um campo de estudo que reivindica para si, o texto como objeto. O texto, por sua vez, se constitui como um dos artefatos históricos mais valiosos para análise histórica, cultural e discursiva dos sujeitos pretéritos, pois, inegavelmente, é atravessado pelas forças propulsoras da rede de organização da sociedade, calcado em valores, convenções e códigos políticos e ideológicos no qual é possível flagrar as diversas instâncias de autoridade e as práticas de violência nela exercidas. No mapeamento desses textos, por sua vez, o pesquisador vai defrontar-se com uma série de interrogantes que delinearão a sua pesquisa. Na organização metodológica do catálogo digital, é preciso que se questione quais os sujeitos que aparecem na tessitura textual, direta e indiretamente; quais os agentes históricos que estão sendo representados e de que forma ocorre essa representação; quais as práticas de violência que podem ser observadas e quais as instâncias de autoridade analisadas nas relações que se estabelecem entre os indivíduos; quais as vozes que se sobressaem e quais os silêncios que permeiam as narrativas apresentadas; e por último, mas não menos importante, quais os mecanismos de resistência, (re)existência e enfretamento empreendidos pelos grupos oprimidos, suas estratégias, arranjos e formas de organização em sociedade – individual ou coletivamente. Dessa forma, a composição de catálogos digitais também destaca a relevância das Humanidades Digitais na constituição e na organização de *corpora* históricos e para reflexões sobre a violência estrutural, simbólica, institucional e patrimonial, em contextos político-sociais, evidenciando a importância da mediação cuidadosa da Filologia na divulgação desses textos (GONÇALVES, 2018; 2019; 2020). Por fim, a seleção dos documentos históricos e a construção de um catálogo seletivo permite ao leitor, especializado ou não especializado, outras leituras decoloniais dos documentos históricos relativos ao Atlântico Português, que registram as narrativas de violência e resistência relativas às mulheres e à população negra e à população indígena, possibilitando outros olhares para esses documentos históricos.

Referências:

- Banza, A. P.; M.F. Gonçalves (coords.). 2014. *Património textual e humanidades digitais: da antiga à nova Filologia*. Évora: CIDEHUS / FCT, 2014. Disponível em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/10468/1/e-book.pdf>
- Gonçalves, E. C. B. 2018. “Leitura crítico-filológica de Resolução de 1822: revoltas, vigilância, violência e punição na Bahia do século XIX.” *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 153-174, 2018. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v20i2p153-174>.
- Gonçalves, E. C. B. 2019. “Diálogos entre Crítica Filológica e Linguística Histórica: construindo trilhas para o estudo linguístico de textos históricos.” In: Ataíde, C. et al. (Orgs.) *Estudos linguísticos e literários* [recurso eletrônico]: caminhos e tendências. São Paulo: Pá de Palavra, 2019, v. 1. p. 11-20.
- Gonçalves, E. C. B. 2020. “Tradição Discursiva, Filologia e Corpus Histórico-Diacrônico: análise de Requerimentos do século XVIII”. *Revista da ABRALIN*, v. 19, n. 3, 582-598. Dez. 17, 2020. <https://doi.org/10.25189/rabralin.v19i3.1772>.
- Karnal, L.; Tatsch, G. 2011. Documento e história: a memória evanescente. In: Pinsky, C. B.; Luca, T. R. de. (Orgs.) *O historiador e suas fontes*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 9-27.
- Monte, V.M.; Paixão de Sousa, M.C. 2017. Por uma filologia virtual: O caso das atas da câmara de São Paulo (1562-1596). *REVISTA DA ABRALIN*, v. 16, p. 239-264, 2017. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/51938>
- Paixão de Sousa, M.C. 2014. O Corpus Tycho Brahe: contribuições para as humanidades digitais no Brasil. *Filologia e Linguística Portuguesa*, 16(esp.), 53-93, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/88404>
- Paixão de Sousa, M.C. 2013. Texto digital: Uma perspectiva material. *Revista da ANPOLL* (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística). Volume 1, Número 35, 2013. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/643>

A Filologia e as Humanidades Digitais: o caso da construção do Catálogo M.A.P. – Mulheres na América Portuguesa

Vanessa Martins do Monte (USP)
Maria Clara Paixão de Sousa (USP)

Palavras-chave: filologia, humanidades digitais, história das mulheres, catálogo eletrônico, américa portuguesa.

Resumo:

A comunicação tem como objetivo central apresentar o catálogo eletrônico georreferenciado que vem sendo construído pelo Projeto *M.A.P. (Mulheres na América Portuguesa)* com base em ferramentas das Humanidades Digitais, a partir do arcabouço teórico da Filologia e da Linguística Histórica. O Projeto M.A.P. sistematiza e torna visível para pesquisas futuras um conjunto de fontes documentais imensamente importantes para os estudos filológicos e para os estudos da história da língua, da história social, da história da escrita e da leitura, e da história das mulheres no Brasil, por meio da construção de um catálogo eletrônico de documentos escritos *por* mulheres e documentos escritos *sobre* mulheres (contendo sua ‘fala’ na forma de discurso relatado) na América Portuguesa. A metodologia seguida no Projeto trata essa documentação a partir de duas premissas: primeiro, importa-nos, centralmente, a literalidade da expressão e a literalidade do relato da expressão, sendo esta uma investigação originária do campo da Filologia (Toledo Neto, 2018) e da Linguística Histórica. Segundo, do ponto de vista digital, partimos do compromisso com as tecnologias transferíveis e o acesso aberto, sendo nosso objetivo a difusão e democratização da informação encerrada na documentação trabalhada. O Catálogo *Mulheres na América Portuguesa* pretende assim compor um mapa polifônico de vozes quase nunca escutadas, dirigido tanto aos especialistas de áreas como a Filologia e a História, como a um público leitor mais amplo.

Tendo em conta o que se sabe sobre as condições de vida das mulheres no contexto colonial, e sobre seu acesso ao letramento e às instâncias públicas de expressão (como mostrado, entre outros, por Priore 1990, 1994; e Algranti, 1992, 1998), a surpresa não recai sobre a escassez de registros escritos por elas na época, mas sim sobre o fato de chegarmos a nos deparar com algum testemunho deles, séculos depois. À raridade e escassez desse conjunto documental soma-se a dificuldade de sua reunião, explicada talvez pela natureza díspar que motivou o registro escrito acerca das mulheres e (mais raramente) dos documentos escritos pelos próprios punhos femininos, talvez pelo diminuto grau de interesse sobre o tema do cotidiano feminino de parte da historiografia mais tradicional. A historiografia que se debruçou sobre a história das mulheres na América Portuguesa a partir da década de 1980 bebeu em fontes primárias majoritariamente inéditas e cuja principal característica é a dispersão custodial.

O Projeto M.A.P. (Mulheres na América Portuguesa) está reunindo virtualmente essa documentação dispersa em único ponto de acesso, o Catálogo eletrônico online *Mulheres na América Portuguesa*, possibilitando que as vozes relatadas presentes nas fontes primárias tornem-se vozes autorais, narradoras de suas próprias histórias. Para isso, o primeiro passo é o da recolha da documentação, que, para dar à luz a narrativa das próprias mulheres, precisa obrigatoriamente se dedicar a uma seleção o mais ampla possível de tipologias documentais, não podendo se circunscrever a certos códices vastos de citação de mulheres, como aqueles produzidos pelo Santo Ofício, apenas por apresentarem alto volume de dados.

Quanto ao trabalho computacional, precisamos consolidar e aperfeiçoar as tecnologias de processamento escolhidas e as técnicas desenvolvidas até o momento, para de fato aproveitar seu pleno potencial de extroversão e difusão da informação contida nos documentos.

O trabalho desenvolvido desde 2017 indica a necessidade de um intenso diálogo entre as áreas da Filologia, da Linguística Histórica, da História e das Ciências da Computação, além das ferramentas e do modo de abordagem do objeto provenientes das reflexões das Humanidades Digitais (Paixão de Sousa, 2013; Monte e Paixão de Sousa, 2017).

Referências:

- Algranti, Leila Mezan. 1998. “Famílias e vida doméstica.” In *História da vida privada no Brasil, v. 1, Cotidiano e vida privada na América Portuguesa*, organizado por Laura de Melo e Souza, 83-154. São Paulo: Companhia das Letras.
- Algranti, Leila Mezan. 1992. *Honradas e devotas: mulheres da Colônia: estudos sobre a condição feminina através dos conventos e recolhimentos do sudeste, 1750-1822*. Tese de doutoramento, Universidade de São Paulo.
- Monte, Vanessa Martins do; Paixão de Sousa, Maria Clara. 2017. “Por uma filologia virtual: O caso das atas da câmara de São Paulo (1562-1596).” *Revista da Abralin*, 16: 239-264.
- Paixão de Sousa, Maria Clara. 2013. “Texto digital: Uma perspectiva material.” *Revista ANPOLL* (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística). 35: 15-60.
- Priore, Mary del. 1994. *A Mulher na história do Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Priore, Mary del. 1990. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Tese de doutoramento, Universidade de São Paulo.
- Toledo Neto, Sílvio de Almeida. 2018. “Datação e localização dos tipos de escrita: Informações relevantes para a crítica textual?” In *Paleografia e suas interfaces*, organizado por Alícia Duhá Lose e Arivaldo Sacramento de Souza. Salvador: Memória & Arte.

O MÉTODO LAPELINC: POSSIBILIDADES PARA A TRANSCRIÇÃO PALEOGRÁFICA

Liliana de Almeida Nascimento Ferraz (UESB/PPGLin)
Graciete da Silva de Souza (UESB/PPGLin/CAPES)
Jaqueline Cunha Ribeiro (UESB/PPGLin/CAPES)
Patrick Pereira Campos Brito (UESB/PPGLin/CAPES)
Jorge Viana Santos (UESB/PPGLin/FAPESB/CNPq)

Palavras-chave: Método Lapelinc, Fotografia, Documentos Digitais, Transcrição Paleográfica.

Resumo:

Com o advento das novas tecnologias tornou-se possível preservar a memória e/ou informações cruciais do passado histórico de um povo de forma mais científica, rigorosa. Dentre outros métodos possíveis de preservação e acesso a documentos históricos, destacamos o método desenvolvido pelo Laboratório de Pesquisa em Linguística de *Corpus* (LAPELINC). Por meio da fotografia cientificamente controlada, o método Lapelinc visa à formação de *corpora* linguístico-eletrônicos, considerando-se, neste caso, a Fotografia como linguagem técnica. Conforme Santos e Namiuti (2019, p. 1383), o Método Lapelinc se caracteriza por ser um método de construção de *corpora* digitais anotados e cientificamente controlados, no qual se parte do Documento Físico (DF) e constrói-se o Documento Digital Imagem (DDI), este último servirá de fonte original no meio digital para os processos de constituição de *corpora* eletrônicos anotados, processos estes que terão como resultado o Documento Digital Texto (DDT). De acordo com os autores (SANTOS; NAMIUTI, 2019), esse método possui três etapas principais do fluxo de trabalho: a transposição, a transcrição e a compilação de *corpus*. Na primeira etapa, ocorre a transposição material do DF para o DDI através da fotografia cientificamente controlada. Na segunda etapa, é feita a transcrição paleográfica do DDI, que gera um documento texto, e este, por sua vez, servirá de entrada para a compilação do DDT, que se constitui como última etapa do método. Aqui, por recorte, mostramos como se dá a segunda etapa do Método Lapelinc, salientando as diferentes vantagens que o paleógrafo pode se beneficiar ao desenvolver a transcrição paleográfica a partir de um suporte digital imagem, visto que, existem dificuldades paleográficas como o tipo de escrita, letras deformadas e outras, que, de acordo com Contreras (1994), advêm de duas influências contrárias: da mão que escreve e do olho que lê. No âmbito deste recorte, procura-se responder às seguintes questões: *Quais novas possibilidades o Método Lapelinc dá à paleografia através do DDI, por ser este um documento digital fotográfico? Como o método Lapelinc auxilia nas dificuldades encontradas pela paleografia para ler um documento manuscrito, mais especificamente, o oitocentista?* Para respondê-las, mobilizamos os pressupostos de Santos e Namiuti (2019), Santos e Brito (2014), Namiuti, Santos, Costa, Farias (2013), Namiuti, Santos e Costa (2015), Souza e Santos (2013). Os trabalhos que têm sido desenvolvidos no âmbito do Lapelinc apontam para a hipótese de que ao realizar a transcrição paleográfica a partir do suporte digital imagem produzido seguindo os parâmetros do método, o paleógrafo se beneficia de diferentes vantagens que não são possíveis quando se lida com o documento físico original. Assim, os DDIs gerados a partir do Método Lapelinc permitem a visualização eletrônica mediadas por ferramentas de leitura, edição e processamento de imagens que possibilitam mudanças em parâmetros tais como: contraste, brilho, cor, ampliação, camadas (*layers*). Tais ferramentas auxiliam no trabalho de leitura e decifração dos documentos. O Método Lapelinc, portanto, configura-se como um método que visa à construção de *corpora* linguísticos, a partir do processo de transposição através da Fotografia cientificamente controlada. Assim, possibilita-se o acesso, a

disponibilização e contribui para a preservação de documentos históricos, de modo que pesquisadores de diversas áreas do conhecimento possam se beneficiar dos *corpora* produzidos segundo o método.

Referências:

- CONTRERAS, Luis Núñez. 1994. “Manual de paleografia”. Madrid: Cátedra: 259-366.
- NAMIUTI, Cristiane; SANTOS, Jorge Viana; COSTA, Aline Silva; FARIAS, Igor Sodré. (2013). “Computação e Linguística: importante diálogo para pesquisas e preservação da memória nos novos meios das antigas fontes”. *RBBA: Diálogo entre as ciências* 2, n. 1: 9-34.
- NAMIUTI, Cristiane; SANTOS, Jorge Viana. 2016. “De manuscritos históricos a corpora anotados: do Documento Digital Texto (DDT) ao corpus anotado”. *A cor das Letras*, v.17, n.1: 60-66.
- NAMIUTI, Cristiane; SANTOS, Jorge Viana; COSTA, A. S.; FARIAS, I, S. 2013. “Computação e Linguística: importante diálogo para pesquisas e preservação da memória nos novos meios das antigas fontes”. *RBBA 2(1)*: 9-34. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/rbba/article/view/2023>, 14.12.2020.
- PAIXÃO DE SOUSA, M. C. 2006. “Memórias do Texto”. *Revista Texto Digital*, n. 2. Disponível em: <<http://www.textodigital.ufsc.br/num02/paixao.htm>>. Acesso em: 14 de Dezembro de 2020.
- SANTOS, Jorge Viana; BRITO, Giovane Santos. 2014. “Fotografia técnica de documentos para formação de corpora digitais eletrônicos: o método desenvolvido no Lapelinc”. *Letras & Letras (Online)*, v. 30: 421-430.
- SOUZA, Cecília Ribeiro de; SANTOS, Jorge Viana. 2013. “Paleografia e Fotografia: uma relação de métodos no trabalho com corpus digital”. *Anais do SILEL*. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU.